



PUC - Rio

VESTIBULAR 2026

1º DIA
MANHÃ
GRUPO 2

Outubro / 2025

PROVA OBJETIVA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PROVAS DISCURSIVAS DE PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA E DE REDAÇÃO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES ABAIXO.

- 01 - O candidato recebeu do fiscal o seguinte material:
- a) este Caderno, com o enunciado das 10 questões objetivas de **LÍNGUA ESTRANGEIRA**, das 5 questões discursivas de **PORTUGUÊS** e **LITERATURA BRASILEIRA**, sem repetição ou falha, e o **tema da Redação**;
 - b) um **CARTÃO-RESPOSTA**, com seu nome e número de inscrição, destinado à marcação das respostas das questões objetivas formuladas na prova de **LÍNGUA ESTRANGEIRA** (conforme opção na inscrição), cujo verso é a página para desenvolvimento da Redação, denominado **CARTÃO-RESPOSTA/PÁGINA DE REDAÇÃO**, grampeado a um **CADERNO DE RESPOSTAS**, contendo espaço para desenvolvimento das respostas às questões discursivas de **PORTUGUÊS** e **LITERATURA BRASILEIRA**.
- 02 - O candidato deve verificar se este material está em ordem e se o seu nome e número de inscrição conferem com os que aparecem no **CARTÃO-RESPOSTA/PÁGINA DE REDAÇÃO**. Caso tal não ocorra, o fato deve ser **IMEDIATAMENTE** notificado ao fiscal.
- 03 - Após a conferência, o candidato deverá assinar no espaço próprio do **CARTÃO-RESPOSTA/PÁGINA DE REDAÇÃO**, com **caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente**.
- 04 - Para cada uma das questões objetivas, são apresentadas 5 alternativas classificadas com as letras (A), (B), (C), (D) e (E); só uma responde adequadamente ao quesito proposto. O candidato só deve assinalar **UMA** letra no **CARTÃO-RESPOSTA/PÁGINA DE REDAÇÃO**, preenchendo todo o espaço compreendido pelos círculos, com **caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente**, de forma contínua e densa. A leitura óptica do **CARTÃO-RESPOSTA/PÁGINA DE REDAÇÃO** é sensível a marcas escuras; portanto, os campos de marcação devem ser preenchidos completamente, sem deixar claros. A marcação em mais de uma alternativa anula a questão, **MESMO QUE UMA DAS RESPOSTAS ESTEJA CORRETA**.
- Exemplo: (A) ● (C) (D) (E)
- 05 - O candidato deve ter muito cuidado com o **CARTÃO-RESPOSTA/PÁGINA DE REDAÇÃO**, para não o **DOBRAR, AMASSAR** ou **MANCHAR**. O **CARTÃO-RESPOSTA/ PÁGINA DE REDAÇÃO SOMENTE** poderá ser substituído se, no ato da entrega ao candidato, já estiver danificado.
- 06 - As questões são identificadas pelo número que se situa acima de seu enunciado.
- 07 - **SERÁ ELIMINADO** do Concurso Vestibular o candidato que:
- a) for surpreendido, durante as provas, em qualquer tipo de comunicação com outro candidato;
 - b) portar ou usar, durante a realização das provas, aparelhos sonoros, fonográficos, de comunicação ou de registro, eletrônicos ou não, tais como agendas, relógios de qualquer natureza, *notebook*, transmissor de dados e mensagens, máquina fotográfica, telefones celulares, *paggers*, microcomputadores portáteis e/ou similares ou fontes de consulta de qualquer espécie;
 - c) se ausentar da sala em que se realizam as provas levando consigo este **CADERNO DE QUESTÕES** e(ou) o **CARTÃO-RESPOSTA/PÁGINA DE REDAÇÃO** e(ou) o **CADERNO DE RESPOSTAS**;
 - d) não assinar a Lista de Presença e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA/PÁGINA DE REDAÇÃO**.
- Obs.:** Iniciadas as provas, o candidato só poderá se ausentar do recinto das provas após **60 (sessenta) minutos** contados a partir do efetivo início das mesmas.
- 08 - O candidato deve reservar os 30 (trinta) minutos finais para marcar seu **CARTÃO-RESPOSTA/PÁGINA DE REDAÇÃO**. **OS RASCUNHOS E AS MARCAÇÕES ASSINALADAS NO CADERNO DE QUESTÕES NÃO SERÃO LEVADOS EM CONTA**.
- 09 - O candidato deve, ao terminar as provas, entregar ao fiscal o **CARTÃO-RESPOSTA/PÁGINA DE REDAÇÃO grampeado** ao **CADERNO DE RESPOSTAS**, o **CADERNO DE QUESTÕES** e **ASSINAR** a **LISTA DE PRESENÇA**.
- 10 - **O TEMPO DISPONÍVEL PARA ESTAS PROVAS DE QUESTÕES OBJETIVAS E DISCURSIVAS, BEM COMO DE REDAÇÃO, É DE 4 (QUATRO) HORAS.**

BOAS PROVAS!

LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS

How AI Companions are Redefining Human Relationships in the Digital Age

By Neil Sahota (July 18, 2024)

1 In the contemporary landscape, where technology increasingly permeates all facets of life, Artificial Intelligence (AI) is gradually assuming roles traditionally held by humans—those of friends, confidants, and even romantic partners. This evolving relationship between humans and AI raises profound questions about the nature of companionship, the fundamental human need for connection, and the potential ramifications of replacing human interaction with digital counterparts.

2 The notion of AI companionship is not entirely novel, but its practical realization has gained significant momentum in recent years. AI systems such as Replika, an emotionally intelligent chatbot, engage users in text-based dialogues. Over time, the AI adapts, offering more personalized responses, thereby simulating a deeper emotional bond. In a more ambitious leap, Gatebox has introduced a holographic AI avatar that not only converses with users but also controls smart home devices, creating a tangible sense of presence. At the more controversial end of the spectrum, Harmony by RealDoll merges AI with highly lifelike humanoid robots, offering both emotional and physical companionship.

3 So why are people increasingly turning to AI for companionship? Several interrelated factors contribute to this trend. Foremost among them is the growing loneliness epidemic, recognized as a pressing public health concern in many societies. As social isolation becomes a major risk factor for mental and physical health, AI companions provide a surrogate form of connection for individuals who feel disconnected from human relationships. This phenomenon is particularly pronounced in countries such as Japan, where demographic shifts and societal changes have led to a rise in solitary living. Furthermore, AI relationships offer a level of convenience and control that human interactions cannot: these digital entities are available at all times, devoid of emotional baggage, and can be disengaged at the user's discretion. The increasing sophistication of AI enables these systems to mimic human-like interactions—such as remembering previous conversations or displaying empathy—which further heightens their appeal.

4 The rise of AI companionship, however, presents a complex interplay of potential benefits and ethical concerns. For certain individuals, these AI systems offer an invaluable outlet for emotional expression, especially for those grappling with social anxiety or mental health challenges. The non-judgmental nature of AI companions provides a space for individuals

to explore their emotions freely. Moreover, AI companions may act as a stepping stone, helping users build confidence and develop social skills that can be transferred to human interactions. However, over-reliance on AI relationships could exacerbate feelings of isolation, as some may prefer the predictability and simplicity of AI over the nuanced dynamics of human relationships. Additionally, the lack of true emotional depth in AI entities raises significant ethical questions. If AI lacks consciousness or genuine empathy, can it authentically replicate affection? What are the implications of forming emotional attachments to entities that do not possess human-like consciousness?

5 As AI companions become more entrenched in social fabric, their impact on traditional romantic and social relationships is inevitable. For some, these digital companions may complement or even replace human relationships, offering a form of companionship that, while artificial, serves a tangible emotional need. Younger generations, in particular, may increasingly use AI companions as rehearsal grounds for real-world social interactions, potentially enhancing their relational skills and emotional intelligence. Yet, there is a distinct possibility that some individuals may become so enamored with AI companions that they begin to prefer them over human partners. The appeal of predictability, the absence of judgment, and the ability to customize interactions make AI companions an enticing alternative to the often tumultuous dynamics of human relationships. This trend challenges traditional conceptions of love and companionship, forcing us to reconsider what it truly means to love and be loved—and whether those concepts are inherently human.

6 The growing prevalence of AI companions calls for a reexamination of the very nature of emotional connection. As these technologies become more integrated into daily life, it is imperative to strike a balance between leveraging AI for emotional support and preserving human relationships. Developers of AI companions bear an ethical responsibility to ensure transparency regarding their limitations, particularly in safeguarding vulnerable individuals from potential exploitation. Additionally, further research into the long-term effects of human-AI relationships is essential to establish ethical guidelines that will govern their development and use. This research should aim to illuminate not only the psychological and social impacts of AI companionship but also the broader implications for human identity and emotional well-being.

Available at: <https://www.forbes.com/sites/neilsahota/2024/07/18/how-ai-companions-are-redefining-human-relationships-in-the-digital-age/>. Retrieved on: May 27, 2025. Adapted.

1

The main purpose of the text is to

- (A) promote the use of AI companions as a superior alternative to human relationships.
- (B) explore the rise of AI companionship and its impact on interpersonal connections.
- (C) show how Japan is leading the world in the creation of AI-based romantic technologies.
- (D) explain the technical development and programming of emotionally intelligent AI systems.
- (E) warn us that AI companions may eventually dominate all human relationships.

2

In the fragment “replacing human interaction with digital counterparts” (paragraph 1), the word **counterparts** most nearly means

- (A) bonds
- (B) originals
- (C) equivalents
- (D) supporters
- (E) opposites

3

In the fragment “but its practical realization has gained significant momentum in recent years” (paragraph 2), the verb form **has gained** indicates that the action

- (A) is likely to occur later.
- (B) occurs frequently.
- (C) happened at a definite time in the past.
- (D) started at an unspecified time and has present consequences.
- (E) took place earlier than another event in the past.

4

According to paragraph 3, Japanese society

- (A) discourages the use of AI companions due to traditional cultural values.
- (B) relies on AI mainly for educational purposes rather than companionship.
- (C) has banned emotionally intelligent AI systems to protect mental health.
- (D) promotes solitary living as a remedy to social anxiety.
- (E) is facing more solitary living due to demographic and social shifts.

5

According to paragraph 4, the potential risk of over-relying on AI companionship might lead to

- (A) a weakening of human social skills and emotional resilience.
- (B) legal disputes between AI developers and users over emotional harm.
- (C) a reduction in the quality of AI-generated emotional responses.
- (D) AI systems replacing traditional family roles.
- (E) increased government investment in AI for therapeutic use.

6

The adjective **enticing** in the phrase “an enticing alternative” (paragraph 5) may be replaced without any change in meaning by

- (A) alarming
- (B) surprising
- (C) confusing
- (D) tempting
- (E) challenging

7

The option in which the expression in **boldface** conveys an idea of ADDITION is

- (A) “**So** why are people increasingly turning to AI for companionship?” (paragraph 3)
- (B) “The increasing sophistication of AI enables these systems to mimic human-like interactions — **such as** remembering previous conversations” (paragraph 3)
- (C) “**Moreover**, AI companions may act as a stepping stone” (paragraph 4)
- (D) “**If** AI lacks consciousness or genuine empathy [...]?” (paragraph 4)
- (E) “**Yet**, there is a distinct possibility that some individuals” (paragraph 5)

8

The verb phrase **calls for** in the sentence “The growing prevalence of AI companions calls for a reexamination of the very nature of emotional connection” (paragraph 6), may be replaced without any change in meaning by

- (A) enables
- (B) prevents
- (C) contributes to
- (D) questions
- (E) demands

RASCUNHO

RASCUNHO



9

Concerning the vocabulary used in the text, one may affirm that

- (A) "highly" (paragraph 2) and **hardly** express similar ideas.
- (B) "merges" (paragraph 2) and **integrates** are synonyms.
- (C) "devoid" (paragraph 3) and **empty** present conflicting views.
- (D) "bear" (paragraph 6) and **uphold** express opposite ideas.
- (E) "broader" (paragraph 6) means the same as **sharper**.

10

According to paragraph 6, the author supports all of the following actions **EXCEPT**

- (A) accusing developers of AI companions of purposefully leading users to addiction.
- (B) creating ethical guidelines based on research findings.
- (C) promoting transparency about the limitations of AI.
- (D) defending those susceptible to exploitation.
- (E) investigating the long-term psychological and social impacts of AI companionship.

LÍNGUA ESTRANGEIRA - ESPANHOL

El turismo gastronómico está muerto, pero está surgiendo algo más interesante

1 El año pasado esperé con impaciencia mi reservación en el Rekondo de San Sebastián, en España: otra parada previsible, aunque magnífica, en el trillado circuito turístico gastronómico. Sentado en mi mesa, me perdí en una carta de vinos gruesa como una guía telefónica, cada página cargada de Riojas olvidados, hasta que llegaron las prístinas kokotxas de merluza.

2 Estaba de vacaciones familiares de dos semanas en la península ibérica. Pero lo que no esperaba era que mi comida más memorable del viaje llegaría en Chila, un restaurante hunanés en Madrid, donde podía pedir los platillos especiales del chef a través de WeChat. Mientras saboreaba lomo de cerdo ibérico de primera calidad con pimientos de Padrón picantes y frijoles de soya negros fermentados, observando a las familias chinas charlar en las mesas cercanas, me di cuenta de que algo fundamental había cambiado en la forma en que experimentamos la comida a través de los viajes.

3 Ahora podemos observar cómo se desarrollan las culturas alimentarias en tiempo real, moldeadas por la migración y la conectividad a internet. El antiguo modelo de perseguir el caché cultural viajando a destinos específicos en busca de la "auténtica" cocina local se está desvaneciendo rápidamente, desgastado por los documentales gastronómicos en streaming, las recomendaciones de Instagram basadas en algoritmos que exponen cada joya oculta y la democratización de los viajes a través de vuelos económicos y Airbnbs. Con alimentos globales más accesibles que nunca, la verdadera vanguardia de la exploración culinaria no está en los destinos turísticos, sino en la próxima oleada de cocinas de otras culturas en las intersecciones de la tradición, la migración y la diáspora.

4 El turismo gastronómico tal como lo hemos conocido se ha convertido en víctima de su propio éxito. Ya no necesitas visitar París para comprar macarons de Ladurée cuando puedes encontrarlos en tiendas de las principales ciudades en Estados Unidos o pedir que te los lleven a casa a través de Goldbelly, un servicio especializado en platos de restaurantes emblemáticos y especialidades regionales.

5 Los tesoros escondidos de las callejuelas están ahora marcados en TikTok, y Uber deja a los turistas en su puerta. Los clientes estudian los menús antes de ir a los restaurantes, conocen la historia del chef, llegan a lugares "secretos" ya clasificados mediante geoetiquetado.

6 Pero aquí es donde se pone interesante: lo que estamos presenciando no es solo el declive del

RASCUNHO

turismo gastronómico tradicional, sino el nacimiento de algo mucho más fascinante.

7 Por ejemplo, Chila, en Madrid. La fachada podría haber sido arrancada directamente del corazón de Hunán, amante de las especias. Sirve tanto de salvavidas cultural para los expatriados chinos en España como de introducción a la cocina regional china para los madrileños curiosos. Los comensales pueden acompañar sus comidas con sangría o baijiu de Guizhou, una mezcla perfecta de las tradiciones de bebida española y china.

8 O considera un plato básico de la cocina alemana. Ya no necesitas viajar a Alemania para disfrutar del Oktoberfest y las salchichas Bratwurst; puedes hacerlo en Cincinnati, en el gigantesco Oktoberfest Zinzinnati, o en el Wurstfest de New Braunfels, Texas. Pero lo que sí encontrarás en Alemania es cómo el paisaje culinario ha sido transformado por los casi tres millones de turcos (tanto migrantes como miembros de la diáspora) que han ido desarrollando allí su propia identidad alimentaria desde la década de 1960.

9 En Lima, los platos chifa (gastronomía china-peruana) y nikkei (japonés-peruana) están redefiniendo la cocina peruana para reflejar una historia de 150 años de migración asiática. Mientras los turistas acuden en masa a los últimos lugares de moda del Nuevo Nórdico en Copenhague, está surgiendo una cocina de la diáspora africana en Estocolmo, donde restaurantes como Jebena sirven injera. Estos establecimientos manejados por migrantes están remodelando silenciosamente la cocina nórdica de un modo que podría hacer que Noma —el revolucionario restaurante danés que situó la búsqueda de alimentos y la fermentación en el centro de la buena mesa— pareciera tradicional.

10 En Toronto, las innovaciones inspiradas en la India Occidental están produciendo perfiles de sabor completamente nuevos. En Londres, la suya nigeriana —la carne callejera picante, ensartada en brochetas, conocida por su distintiva mezcla de cacahuates molidos y especias— se está reinventando de un modo que podría influir en la próxima generación de la cocina británica.

11 Nueva York ofrece una clara ventana a este fenómeno. La ciudad cuenta ahora con una red de mercados internacionales de alimentos que ofrecen acceso inmediato a ingredientes de primera clase y platos auténticos, como el mejor jamón ibérico en Mercado, pasta fresca en Eataly, una selección de gochugaru de primera calidad en los mercados H-Mart y la inmensa tienda india de Patel Brothers en Jackson Heights.

12 Lo que antes se celebraba como un mosaico de enclaves étnicos distintos se ha convertido en un laboratorio para el futuro de la cocina global. Sí, todavía se puede hacer cola en Katz's Deli o comerse

un bagel en Russ & Daughters, pero la verdadera emoción culinaria está ocurriendo en lugares como Tatiana y Dept of Culture, donde chefs con raíces en África Occidental están reimaginando su cocina a través de una lente de alta cocina. No se trata solo de restaurantes fusión o adaptaciones de migrantes, sino de expresiones culturales totalmente nuevas.

13 Un aspecto emocionante de esta evolución es que es imposible experimentarla a través de las aplicaciones de reparto o las redes sociales. No puedes entender realmente cómo las comunidades de migrantes están remodelando la identidad francesa sin pasear por el distrito 13 de París, donde se encuentra el barrio chino de la ciudad y una gran comunidad asiática. No puedes comprender la innovación culinaria de Singapur pidiendo en una cocina virtual. El plato italiano más innovador puede provenir de un chef de Tokio que nunca ha pisado Italia, pero que comprende la esencia de la cocina a través de una visión global. Un pop-up de Toronto podría estar definiendo el futuro de la comida callejera mexicana al incorporar técnicas e ingredientes que serían impensables en Oaxaca.

14 La próxima gran cocina del mundo no está escondida en algún rincón por descubrir del planeta. Se está creando ahora mismo, en los espacios donde se mezclan culturas, tradiciones y tecnologías. Ahí es donde comienza la verdadera aventura de la comida.

LEE, Brian. El turismo gastronómico está muerto, pero está surgiendo algo más interesante. **The New York Times** en Español, enero de 2025. Disponible en: < <https://www.nytimes.com/es/2025/01/07/espanol/opinion/turismo-gastronomico.html> >. Acceso: el 26 mayo 2025. Adaptado.

1

El texto plantea que la verdadera vanguardia de la exploración culinaria

- (A) abarca solamente los restaurantes fusión o adaptaciones de migrantes.
- (B) está en las intersecciones de la tradición, la migración y la diáspora.
- (C) depende de los tradicionales documentales culinarios en *streaming*.
- (D) limita el modo como los viajeros buscan descubrir nuevos restaurantes.
- (E) se define por el trillado circuito europeo del turismo gastronómico.

2

En el título del texto, la conjunción **pero** establece entre las dos oraciones una relación de

- (A) alternancia
- (B) condición
- (C) finalidad
- (D) consecuencia
- (E) contraposición

3

La expresión “caché cultural”, en el párrafo 3, se entiende por

- (A) la memoria de acceso a las informaciones digitales.
- (B) el costo de los viajes reconocidamente turísticos.
- (C) la cultura alimentaria moldeada por la internet.
- (D) el prestigio de una persona en el ámbito cultural.
- (E) la cotización de artistas que actúan en una obra teatral.

4

En “Mientras los turistas acuden” (párrafo 9) se puede sustituir el verbo — sin alteración del sentido contextual — por

- (A) asisten
- (B) curan
- (C) atienden
- (D) escuchan
- (E) abandonan

5

Acerca de las referencias gastronómicas, la única afirmación que **NO** presenta el texto es:

- (A) El Chila, en Madrid, es un restaurante hunanés de cocina regional china.
- (B) El paisaje culinario alemán ha sido transformado por influencia turca.
- (C) La culinaria chifa mezcla las gastronomías peruana y china en Lima.
- (D) La injera, que sirven algunos restaurantes suecos, tiene origen africano.
- (E) La suya nigeriana es un plato vegano que influye en la cocina británica.

6

En el fragmento “Sí, **todavía** se puede hacer cola” (párrafo 12), la palabra destacada expresa la idea de

- (A) afirmación
- (B) duda
- (C) tiempo
- (D) lugar
- (E) negación

7

Según opina el autor, la verdadera emoción culinaria está en

- (A) subestimar a los chefs que comprenden la esencia de la cocina a través de una visión global.
- (B) la imposibilidad de experimentarla a través de las aplicaciones de reparto o las redes sociales.
- (C) comprender la innovación culinaria escogiendo y pidiendo platos típicos en una cocina virtual.
- (D) el prejuicio gastronómico que imposibilita la experiencia de nuevas e innovadoras culinarias.
- (E) menospreciar la incorporación de técnicas e ingredientes que serían impensables anteriormente.

8

En “es imposible experimentarla” (párrafo 13), el pronombre destacado se refiere a la palabra

- (A) cocina
- (B) culinaria
- (C) emoción
- (D) evolución
- (E) innovación

9

La palabra en paréntesis se corresponde semánticamente con la palabra destacada en:

- (A) “en la próxima **oleada** de cocinas de otras culturas” (aceitada) - párrafo 3
- (B) “Los tesoros escondidos de las **callejuelas**” (cavernas) - párrafo 5
- (C) “el **declive** del turismo gastronómico tradicional” (aumento) - párrafo 6
- (D) “una **mezcla** perfecta de las tradiciones de bebida” (ruptura) - párrafo 7
- (E) “en algún **rincón** por descubrir del planeta” (sitio) - párrafo 14

10

Tras leer el texto, es posible afirmar que el futuro del turismo gastronómico

- (A) consiste solo en la fusión y adaptación de diferentes culinarias.
- (B) radica en innovadores menús que sean mosaicos de enclaves étnicos.
- (C) requiere expresiones gastronómicas culturales únicamente nuevas.
- (D) independe del acceso a los ingredientes de los platos auténticos.
- (E) carece de lugares misteriosos clasificados mediante geoetiquetado.

**PROVA DISCURSIVA
DE PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA**

Texto I

Interseção

1. Corte de alguma coisa pelo meio.
2. Encontro de duas linhas ou de dois planos que se cortam; cruzamento.
3. Ponto onde ocorre esse encontro.
4. Mat: Operação matemática por meio da qual se obtém o conjunto formado pelos elementos comuns a dois outros conjuntos.
5. Mat, Por ext: O conjunto determinado por essa operação; produto.

Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos. 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Texto II

- 1 Ao se pensar em Arte e Ciência, defendemos a ideia de que há uma relação de recorrência mútua entre ambas as áreas do conhecimento. Corroborando as ideias de Zamboni (2006), pensar em Arte e Ciência significa compreendê-las como formas complementares do conhecimento, não de maneira a enaltecer uma em detrimento da outra, mas, sim, como facetas integradoras de um pensamento que é regido pelas diversas partes de um cérebro humano complexo.
- 2 Apesar de a relação Ciência e Arte proporcionar maior grau de compreensão da complexidade do conhecimento e da natureza, muitas vezes se mantém um olhar enviesado e limitante sobre a mesma. Snow (2015) chama a atenção para a falta de comunicação que há entre cientistas e artistas e como isso interfere na forma como eles se relacionam, impedindo-os de crescerem juntos. Essa falta de comunicação, somada à noção que o senso comum tem sobre cada uma dessas áreas — de que a Ciência é dona de uma verdade absoluta, neutra, desenvolvida apenas por meio da razão, e de que a Arte não é dotada de método, sendo o processo artístico ilógico e pautado na emoção — leva à perda de muitas oportunidades de melhor compreender nossa realidade.
- 3 A Ciência e a Arte são áreas do conhecimento presentes em todas as culturas. Bronowski (1983) afirma que não existe uma cultura que se dedique apenas à Ciência ou uma que o faça somente à Arte, e isso pode estar relacionado com a imaginação humana, que ocorre de forma natural em ambas as áreas. É necessário que superemos essa tendência tão profunda de fragmentação dos saberes, que, muitas vezes, nos impede de compreender a complexidade do processo de construção dos conhecimentos. Nesse sentido, a relação Arte-Ciência-Ensino caminha para a complementaridade das dimensões dos saberes e para a visão mais holística, crítica e criativa sobre o mundo.

LEITE, M. R. V.; GATTI, S. R. T. Arte e Ciência na formação de professores: um levantamento em revistas e eventos da área de ensino de Ciências (2001-2021). **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 33, n. 66, p. e40[2023], 2023. DOI: 10.18675/1981-8106.v33.n.66.s17377. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/17377>. Acesso em: 22 jun. 2025. Adaptado.



Questão 1 (Valor: 2,0 pontos)

a) Entre os significados da palavra **interseção** expostos no Texto I, indique o que se relaciona com o Texto II. Justifique a sua resposta.

b) De acordo com o Texto II, determine a visão que o senso comum tem de Arte e de Ciência.

Questão 2 (Valor: 2,0 pontos)

a) Reescreva a frase abaixo, retirando a conjunção **que**. Faça as alterações necessárias.

É necessário que superemos essa tendência tão profunda de fragmentação dos saberes.

b) Observe as frases abaixo e estabeleça a diferença de sentido entre elas a partir das formas verbais empregadas.

i. A Ciência e a Arte **são** áreas do conhecimento presentes em todas as culturas.

ii. A Ciência e a Arte **seriam** áreas do conhecimento presentes em todas as culturas.

c) Identifique o referente do pronome **isso** na seguinte passagem do Texto II:

A Ciência e a Arte são áreas do conhecimento presentes em todas as culturas. Bronowski (1983) afirma que não existe uma cultura que se dedique apenas à Ciência ou uma que o faça somente à Arte, e **isso** pode estar relacionado com a imaginação humana, que ocorre de forma natural em ambas as áreas.

Texto III**Inclassificáveis**

que preto, que branco, que índio o quê?
que branco, que índio, que preto o quê?
que índio, que preto, que branco o quê?

que preto branco índio o quê?
branco índio preto o quê?
índio preto branco o quê?

aqui somos mestiços mulatos
cafuzos pardos mamelucos sararás
crilouros guaranisseis e judárabes

orientupis orientupis
ameriquíталos luso nipo caboclos
orientupis orientupis
iberibárbaros indo ciganagôs

somos o que somos
inclassificáveis

não tem um, tem dois,
não tem dois, tem três,
não tem lei, tem leis,
não tem vez, tem vezes,
não tem deus, tem deuses,
não há sol a sós

aqui somos mestiços mulatos
cafuzos pardos tapuias tupinamboclos
americarataís yorubárbaros.

somos o que somos
inclassificáveis

que preto, que branco, que índio o quê?
que branco, que índio, que preto o quê?
que índio, que preto, que branco o quê?

não tem um, tem dois,
não tem dois, tem três,
não tem lei, tem leis,
não tem vez, tem vezes,
não tem deus, tem deuses,
não tem cor, tem cores,

não há sol a sós

egipciganos tupinamboclos
yorubárbaros carataís
caribocarijós orientapuias
mamemulatos tropicaburés
chibarroados mesticigenados
oxigenados debaixo do sol

INCLASSIFICÁVEIS. Intérpretes: Arnaldo Antunes e Chico Science. Compositor: Arnaldo Antunes. *In*: O silêncio. BMG/RCA, 1996. 1 CD, faixa 6 (3:43).

Questão 3 (Valor: 2,0 pontos)

a) Os neologismos criados pelo poeta são recursos expressivos que têm relação direta com a mensagem da canção.

i. Transcreva um neologismo do texto.

RASCUNHO

ii. Explícite a relação entre o uso dos neologismos e a mensagem da canção.

RASCUNHO

b) Leia atentamente o trecho abaixo e faça o que se pede a seguir:

“não tem um, tem dois,
não tem dois, tem três,
não tem lei, tem leis,
não tem vez, tem vezes,
não tem deus, tem deuses,

não há sol a sós”

i. Dê o sentido literal da locução “a sós”.

RASCUNHO

ii. Comente, com suas palavras, a seguinte afirmativa:

O poeta, no verso “não há sol a sós”, imprime um potente jogo sonoro e semântico.

RASCUNHO

Texto IV

A alma encantadora das ruas

- 1 Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. (...)
- 2 A verdade e o trocadilho! Os dicionários dizem: “Rua, do latim ruga, ‘sulco’. Espaço entre as casas e as povoações por onde se anda e passeia”. E Domingos Vieira, citando as Ordenações: “Estradas e rua pruvicas antigamente usadas e os rios navegantes se som cabedaes que correm continuamente e de todo o tempo pero que o uso assy das estradas e ruas pruvicas”. A obscuridade da gramática e da lei! Os dicionários só são considerados fontes fáceis de completo saber pelos que nunca os folhearam. Abri o primeiro, abri o segundo, abri dez, vinte enciclopédias, manuseei in-fólios especiais de curiosidade. A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações.
- 3 Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdão, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. (...) A rua é generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia ela. A rua é a transformadora das línguas. Os Cândido de Figueiredo do universo estafam-se em juntar regrinhas para enclausurar expressões; os prosadores bradam contra os Cândido. A rua continua matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicons futuros. A rua resume para o animal civilizado todo o conforto humano. Dá-lhe luz, luxo, bem-estar, comodidade e até impressões selvagens no adejar das árvores e no trinar dos pássaros.
- 4 A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. A rua criou todas as blagues e todos os lugares-comuns.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 28-29.

Questão 4 (Valor: 2,0 pontos)

- a) A crônica é um gênero potente da literatura brasileira, e o jornalista João do Rio desempenhou importante papel como cronista da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX. Aponte duas características desse gênero.

RASCUNHO

- b) Apresente a oposição de ideias sobre a concepção de rua, na crônica de João do Rio.

RASCUNHO

Questão 5 (Valor: 2,0 pontos)

- a) Determine o valor semântico da palavra destacada em “A rua nasce, **como** o homem, do soluço, do espasmo”.
(Texto IV)

RASCUNHO

- b) Reescreva a frase abaixo, substituindo o termo destacado por **Todas as casas**. Faça as modificações necessárias.
Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres.

RASCUNHO

- c) Substitua o verbo da frase abaixo pelo verbo **abraçar**, fazendo as alterações necessárias.
O amor da rua resiste às idades e às épocas.

RASCUNHO

REDAÇÃO

Interseções têm o poder de despertar emoções, reflexões e consciências, atuando como instrumento de transformação social. A interseção entre múltiplas linguagens artísticas — fotografia, música, literatura, cinema, dança, pintura, teatro, desenho, grafite e a Educação, a Ecologia, a Tecnologia, a Ciência, a Justiça Social, a Saúde é uma tendência na atualidade. Como exemplo, temos a obra de Sebastião Salgado, que promove o encontro entre fotografia, compromisso ambiental e social.

Que exemplo de interseção entre diferentes áreas pode ser produtivo atualmente? Por quê?

Refleta sobre essa questão, lendo os textos a seguir, e produza um texto dissertativo-argumentativo — com cerca de **25 linhas** e **título** original, relacionado à tese defendida —, em que se discuta o tema das “**interseções**”. O texto deverá ser escrito em **terceira pessoa** e conter **diferentes recursos argumentativos** — como **citação** de algum dos textos das provas — para fundamentar sua posição principal que será a resposta à pergunta destacada.

Texto I

Encontro entre fotografia, compromisso ambiental e social

Sebastião Salgado (1944-2025) viveu experiências incríveis desde meados dos anos 1980, quando visitou pela primeira vez uma aldeia para fotografar os ianomâmis. Capturou imagens de outras doze tribos e também, é claro, da imensidão da selva, com seus rios, árvores e montanhas. As imagens flagradas por suas lentes ilustram o belíssimo livro “Amazônia”.

Por quatro décadas, Salgado não só fotografou a Amazônia com uma excelência reconhecida globalmente, mas também acumulou um conhecimento antropológico das belezas e mazelas da região. Transformou-se em testemunha da devastação e um ativista respeitado entre celebridades e políticos do mundo inteiro: “Nesse trabalho, eu quis fotografar a Amazônia viva. A Amazônia morta, destruída pelo garimpo e pelo fogo, eu não procurei”. Salgado fez impressionantes registros aéreos a bordo de aviões do Exército, instituição fundamental para chegar aos pontos isolados da floresta: “A maioria das fotos da Amazônia é feita das bordas. Poucas aeronaves sobrevoam o centro da floresta”. O artista observou imensos maciços rochosos, como o Pico da Neblina, o mais alto do Brasil, e também os “rios aéreos”, nuvens colossais criadas pela concentração de umidade gerada por árvores e rios. “A base da nossa sociedade cristã é o Paraíso. E a Amazônia é o Paraíso na Terra”, afirma. Suas imagens espetaculares não deixam dúvidas a esse respeito.

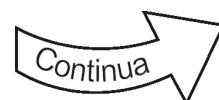
CRUZ, Felipe Branco. A fantástica visão da Amazônia exposta no último livro de Sebastião Salgado. **Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/a-fantastica-visao-da-amazonia-exposta-no-ultimo-livro-de-sebastiao-salgado>. Acesso em: 4 jun. 2025. Adaptado.

Texto II

Interseções da memória

A história dos negros nas Américas escreve-se numa narrativa de migrações e travessias, nas quais a vivência do sagrado, de modo singular, constitui um índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social. Na complexidade de sua textualidade oral e nas interseções da memória, as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, interseções e transformações. Esse lugar de interseções — em ruas, esquinas e praças — constitui uma instância simbólica a partir da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. p. 31. Adaptado.



Texto III**Interseções entre saberes**

A educação deveria estender-se da escola para as instituições da sociedade — museus de artes e ciências, ateliês, espaços de escotismo e assim por diante. Muitos materiais de várias áreas de conhecimento, até de lugares em que se pratica agricultura, por exemplo, são extremamente educativos, levando os estudantes a reflexões e ações integradas a vários segmentos do saber humano. Tecnologias interativas permitem combinações e interseções de tarefas, aliando conhecimentos intuitivos com conhecimentos adquiridos na escola, desde os princípios da física à apreciação de uma cultura estrangeira. Os ambientes de avaliação deveriam poder convidar os indivíduos a desenvolverem suas várias competências no contexto de executar projetos ou atividades significativas — tanto para eles mesmos quanto para a coletividade.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 209. Adaptado.

RASCUNHO

